



GT 043. Memórias Indígenas e experiências de construções

biográficas

João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, May Waddington Telles Ribeiro (Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade/UFSB) - Coordenador/a, Pablo Antunha Barbosa (UFSB) - Debatedor/a, Pablo Quintero (UFRGS) - Debatedor/a, Rita de Cássia Melo Santos (UFPB) - Debatedor/a

O GT busca reunir pesquisas que apresentem dados e interpretações novas sobre a continuada e persistente presença e protagonismo da população autctone no Brasil no período colonial, no século XIX, na República e na atualidade. Partindo de reflexões teóricas dos campos da antropologia, sociologia, história e estudos literários, intentamos reunir biografias, trajetórias, histórias de vida, autobiografias, etnobiografias, dentre outras modalidades de narrativas biográficas, buscando dar conta das profundas intervenções que estas populações tiveram na constituição da história nacional bem como das modalidades de esquecimento e outrificação de que foram objeto. As mudanças sociais não serão tratadas apenas como fatos políticos e econômicos, mas como fenômenos sociais totais, envolvendo dimensões emocionais e afetivas, explorando aspectos contraditórios e ambíguos nas relações sociais, considerando também os contextos intersociais e buscando compreender o protagonismo e a agência permanentemente exercida pelos indígenas. O presente GT está relacionado ao desenvolvimento do projeto em rede "Os Brasis e suas Memórias: Os indígenas na formação do Brasil", coordenado por João Pacheco de Oliveira, que articula 22 universidades e que pretende através da elaboração de biografias sobre indígenas construir outras possibilidades de narrativas sobre a História do Brasil e a contemporaneidade dos povos indígenas.

O Zicunatí dos Paresi e o projeto de identidade nacional no centenário da independência do Brasil

Autoria: José Ronaldo Mendonça Fassheber, Dra. Liliane da Costa Freitag - UNESPAR Paranaguá/PR

A identidade nacional, tema constante no pensamento social brasileiro, foi e continua sendo pauta de projetos políticos cujo enredo é repleto de representações sociais que visam uma memória e uma história nacional. O foco desse work é a fabricação de uma memória e de uma história para o Brasil. De maneira geral, essa foi uma preocupação da produção historiográfica produzida por elites letradas que faziam parte do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em meados do século XIX. As propostas de identidade nacional brasileira podem ser encontradas em diferentes lugares de memória, tais como festas cívicas, museus, monumentos e comemorações. Esses espaços simbólicos são propícios para a divulgação e legitimação de enredos sobre o passado e de sentimentos comuns de destino e de pertencimento a uma dada história. Um exemplo desse work de fundação do Brasil e de uma identidade nacional buscada em certo passado uma originalidade que explicava o Brasil pode ser visto em 1922, ano que selou as comemorações do centenário da Independência do Brasil. Naquele ano, o Rio de Janeiro, capital federal, transformou-se em um verdadeiro lugar de memória, palco de exposições que apregoavam grandezas da terra brasilis e de suas gentes. Do ponto de vista político, era necessário um discurso histórico que evidenciasse uma ruptura com o passado, ao mesmo tempo que recuperasse uma linhagem histórica e um passado glorioso para o país. Destarte, a proposta de identidade nacional fincou seus argumentos na ideia de um esporte genuinamente nacional. Trata-se do headball/Zicunatí do povo Paresi, prática que se tornou visível em decorrência da expedição do então ex-presidente Theodore Roosevelt em 1914, acompanhado do Marechal Cândido da Silva Rondon que



também o havia descrito. Contudo, foi em 1922, poucos anos após as primeiras descrições do Zicunatí, que os Paresi adquirem destaque como protagonistas da identidade nacional. O Zicunatí foi apresentado no Estádio das Laranjeiras em 1922, ato que fez daquela arena esportiva, palco de uma pretendida nacionalidade. Na ocasião, apresentaram-se dezesseis Paresi que viajaram por cerca de dois mil quilômetros para jogar aquela partida, - o Zicunatí. Os discursos jornalísticos e imagéticos dos principais periódicos da capital da república, tal como o famoso O Paiz, reforçaram as verdades em torno da nacionalidade daquele jogo. A fabricação dessa memória e a forma pela qual ela foi publicizada no contexto das comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922 no Rio de Janeiro é o que pretendemos problematizar com essa pesquisa, destacando, assim, um universo simbólico e afetivo, mas também procurando pontos de tensão entre a história, a memória, o protagonismo indígena e os silêncios que essas relações revelam.



Realização:



Apoio:



Organização:

